

Está a mudar o perfil do Desemprego

Já há mais homens desempregados do que mulheres e cresceu o desemprego entre os maiores de 45 anos. Os especialistas alertam para a mudança de um modelo de sociedade em que as mulheres eram as cuidadoras e os homens os provedores

São José Almeida

Para além de o alerta social da taxa de desemprego ter atingido os 15% no segundo trimestre de 2012 e de o sinal preocupante dos níveis de desemprego nos jovens activos estar em 35,5%, os dados sobre emprego e desemprego divulgados pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) este mês contêm indicadores sociais inéditos que podem consubstanciar uma mudança de perfil do desemprego e do modelo de desenvolvimento da economia.

Há dois indicadores que são apontados pelos especialistas como particularmente importantes e cuja evolução no segundo trimestre é vista como grave. Pela primeira vez, a percentagem dos homens desempregados ultrapassa a das mulheres e há uma subida expressiva do desemprego entre as pessoas com mais de 45 anos, que tendencialmente representam eventual desemprego de longa duração.

A taxa de 15% de desemprego é decomposta com primazia para os homens. Assim, se 14,9% do desemprego é feminino, 15,1% é masculino. Isto quando no primeiro trimestre e perante uma taxa de desemprego global de 14,8% o de-

semprego feminino era de 15,1% e o masculino era de 14,8%.

Já em relação ao desemprego de pessoas com mais de 45 anos, a evolução é a seguinte: no segundo trimestre de 2011 havia 217,9 milhares de desempregados e um ano depois, no segundo trimestre de 2012, neste nível etário há 261,8 milhares, o que representa um aumento de 20,1%. Já no primeiro trimestre de 2012, havia 247,4 mil desempregados, sendo assim de 5,8% o aumento percentual do desemprego acima dos 45 anos do primeiro para o segundo trimestre de 2012.

António Dornelas, professor do Instituto Superior de Ciência do Trabalho e do Emprego (ISCTE) e ex-secretário de Estado do Trabalho de António Guterres, alerta para uma outra alteração que no seu entender “é muito preocupante”: o crescimento do trabalho a tempo parcial, que atinge mais 6,8% do que há um ano. “Isto significa que estamos a assistir a uma intensificação dos ritmos de trabalho com menos empregos, o que é um aumento da exploração das pessoas”, sublinha António Dornelas.

Alterações ao modelo

Quanto ao aumento do desemprego masculino, António Dornelas considera que é um indicador de que “os empregadores estão a ir para o mais barato”, o que “resulta na baixa de salários, o próprio peso do desemprego reduz salários e isso terá con-

sequências no modelo de sociedade e de desenvolvimento”.

Também Manuel Carvalho da Silva, ex-líder da CGTP e coordenador do Observatório sobre Crises e Alternativas, considera que estes indicadores indicam “a quebra dos salários e a mudança de modelo de desenvolvimento”. E frisa que isso é demonstrado ainda pelo facto de que “há uma quebra das profissões mais

“

Se a alteração se repetir, significará uma grave mudança, que entra em colisão com os valores sociais estabelecidos: o homem é o breadwinner [ganha-pão] e as mulheres as caretakers [cuidadoras]

”

António Dornelas

qualificadas e mais remuneradas”, demonstrada pelo aumento que sofreu o desemprego de pessoas com escolaridade média (mais 50,3% no segundo trimestre de 2012 em relação ao de 2011).

Carvalho da Silva sustenta ainda que a análise da situação social do desemprego se torna “ainda mais grave se se associarem estes indicadores ao desemprego dos jovens e da sua precariedade de vida”. Mas para o coordenador do Observatório sobre Crises e Alternativas, o aumento de desemprego dos homens, que o próprio INE indica como tendo origem na quebra do emprego industrial, não irá aumentar a contestação social.

Segundo o ex-líder da CGTP, estes novos desempregados “não têm perfil de contestatários, estão desarmados, viram e viveram décadas de desgaste e de fim de contratações colectivas e de perda de direitos”. E sustenta que se está “ainda a assistir a uma tendência de submissão perante a violência do patronato”, para concluir: “Os indicadores são sintoma do aumento da exploração e de abaixamento da matriz de desenvolvimento. Continuo a acreditar que o século XXI vai ficar marcado pelos avanços da igualdade, mas durante uma ou duas décadas pode haver retrocessos.”

Já Elísio Estanque, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, investigador do CES, admite que estas mudanças possam





PAULO PIMENTA

ter consequências sobre a contestação social. Este sociólogo do trabalho afirma mesmo que “os indicadores dão a leitura que confirma a defesa de que a flexibilidade favorece os empregadores”, bem como “confirmam a tese de que o caminho a seguir na economia é o de que quanto mais barata e mais vulnerável a mão-de-obra, melhor”.

Elísio Estanque defende assim que “este mercantilismo em excesso tem sido poupado à contestação”, porque “há nas pessoas a expectativa de que as coisas melhorem”, mas a contestação “pode aumentar”. Considera que a possibilidade de o novo perfil de desemprego “ter implicações na contestação social depende de no campo sindical haver capacidade de enquadrar e dar voz aos que estão no desemprego”. Acrescenta que “é provável que desempregados com mais de 45 anos, que se posicionam para entrar no desemprego de longa duração, se aproximem da resistência e da mobilização sindical”. Estanque sublinha que “há um reforço de desempregados com qualificação média que também podem aderir à contestação”.

Feminização do emprego

O indicador inédito no perfil de desemprego em Portugal traçado pelo INE é a feminização do emprego. Ou seja, pela primeira vez, o desemprego é 15,1% masculino contra 14,9% feminino.

Sara Falcão Casaca, professora do Instituto Superior de Economia e Gestão, investigadora do SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, que é também a ex-presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), lembra que “os dados do Eurostat de Junho ainda davam 15,2% para os homens e 15,6% para as mulheres”. Admite, assim, que este “pode ser o momento de inversão de tendência”. Mas explica que, “ao longo da última década, há uma degradação das condições laborais dos homens” e que “sempre que a diferença de condições de trabalho entre homens e mulheres diminuiu foi à custa da degradação da situação dos homens e não da melhoria das mulheres”.

Quanto aos novos números, Sara Falcão Casaca avança algumas hipóteses de explicação. Começando por lembrar que há em Portugal “uma economia sexualmente segregada”, acrescenta que, “em épocas de crise, os seus efeitos não são homogêneos nos diversos sectores de actividade”. E destaca que “os sectores onde mais se concentra a mão-de-obra masculina” são os “mais severamente atingidos até ao momento”.

Sara Falcão Casaca avança que “os dados do Instituto do Emprego e Formação Profissional [IEFP] de Junho de 2012 mostram que os sectores mais masculinos têm sido os mais atingidos”. E concretiza. “Primeiro,

no subsector do comércio, manutenção e reparação de automóveis e motociclos o desemprego aumentou 35,9% em 2011, em relação a 2010”, explica, acrescentando que “o sector da construção, que é masculino em 94%, atinge níveis de aumento de desemprego de mais 35,6% no último ano”.

A ex-presidente da CIG adverte, contudo, que “contração da economia vai levar ao fecho de uma série de estabelecimentos e de serviços em sectores muito feminizados”. Exemplifica com as expectativas sobre “o impacto do desemprego nos professores, que é uma profissão feminizada”. Frisa que, “já em Junho, era de assinalar o aumento exponencial do desemprego” nos “docentes do ensino secundário, superior e profissionais similares, número que tenderá a aumentar dada a dificuldade de colocação de professores contratados”.

A socióloga das questões de género no trabalho adverte ainda para a questão salarial. Lembra que com a

Entre 2008 e 2011, segundo o estudo de Virgínia Ferreira, “há perda de 360.800 postos de trabalho, 222.600 de homens e 138.200 de mulheres”

crise “as políticas de austeridade e de obsessão com a redução dos custos laborais podem estar a proteger mais o emprego feminino”. E conclui: “O valor do trabalho das mulheres é, como sabemos, tido como inferior quando comparado com o dos homens, mesmo quando elas desempenham as mesmas funções e executam as mesmas tarefas.” António Dornelas partilha este ângulo de análise e lembra que “em média as mulheres ganham menos do que os homens, o salário dos homens é 13% a 14% superior ao das mulheres”.

Por sua vez, a socióloga Virgínia Ferreira, especialista em questões de género e trabalho, professora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigadora do CES, concordou em adiantar ao PÚBLICO alguns dos dados da sua recente investigação, destinada a publicação internacional. O estudo sobre a evolução do emprego e do desemprego em Portugal e a sua relação com as categorias de género aponta na direcção da inversão de tendência agora confirmada pelo INE.

A investigação feita por Virgínia Ferreira estuda o período entre 2008 e 2011 e demonstra que “o acentuar do desemprego masculino vem de 2009, agora deu-se a viragem”, diz

a socióloga. E explica: “Privilegio a análise dos números de empregos, de postos de trabalho. E a perda de empregos vem de 2009 e são sobretudo homens que perdem.”

Entre 2008 e 2011, segundo o estudo de Virgínia Ferreira, “há perda de 360.800 postos de trabalho, 222.600 de homens e 138.200 de mulheres”. As maiores perdas são dos sectores em crise, diz a investigadora. Assim, a principal quebra “é a construção civil: há, nesse período, menos 116.900 postos de trabalho para homens e 2200 para mulheres”. Já “na indústria a perda de emprego é igual: homens menos 40.200 e mulheres menos 40.500”. Por sua vez, “no sector do retalho, venda e reparação de automóveis e motociclos há menos 46.000 postos de trabalho masculinos e 10.800 femininos”.

O estudo de Virgínia Ferreira mostra que houve também aumento de postos de trabalho neste período. “Na saúde, Segurança Social e educação, durante estes anos, os postos de trabalho aumentaram. Na saúde e Segurança Social, há mais 20.500 postos de trabalho masculinos e mais 43.700 femininos. Na educação, há mais 5500 masculinos e 18.400 femininos”, avança a socióloga.

Provedores e cuidadoras

Ao contextualizar os números e as dinâmicas do desemprego por géneros, Virgínia Ferreira alerta para que, “quando há crise, não são as mulheres a perderem logo o emprego”. E acrescenta que há sectores blindados, “como a função pública, onde o emprego feminino tem peso”.

A socióloga explica ainda que “a crise tem diminuído a desigualdade e tornado mais igual o mercado de trabalho”. Mas frisa que se está a dar uma “feminização do mercado de trabalho no que ela tem de pior: mais dispensável, mais precário, mais mal remunerado, menos qualificado”. E concretiza dizendo que “há simultaneamente indicadores cuja disparidade se agrava, como o do diferencial salarial entre homens e mulheres”, que “em 2008 era de 8% e de 12% em 2011”.

Virgínia Ferreira conclui: “Por um lado, há degradação de trabalho e de remuneração e as condições estão a degradar-se, tornando os homens iguais às mulheres. Mas a segregação dos sectores continua a agravar-se e as mudanças não são pensadas para chegar à igualdade. Socialmente mantém-se a mentalidade do homem provedor e da mulher cuidadora.” Também António Dornelas alerta que “se a alteração se mantiver, significará uma grave mudança, que entra em colisão com os valores sociais estabelecidos: o homem é o *breadwinner* [ganha-pão] e as mulheres as *care-takers* [cuidadoras]”.